



Notas sobre a antropologia funerária pós-medieval em Portugal a partir de quatro escavações arqueológicas realizadas no Norte do País

BRUNO M. MAGALHÃES¹

1 Centro de Investigação em Antropologia e Saúde
[Research Centre for Anthropology and Health],
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade
de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida.

RESUMO

Todas as sociedades têm regras próprias para as suas práticas funerárias, mas o facto de pouco mais do que os ossos serem os testemunhos que delas restam dificulta a sua interpretação arqueológica. O objetivo deste trabalho passa por explorar algumas das dificuldades associadas à análise em antropologia funerária através de quatro intervenções arqueológicas realizadas nas igrejas matrizes de Arcos de Valdevez, Freixo de Espada à Cinta, Barcelos e Torre de Moncorvo. No futuro, amostras maiores serão necessárias para melhor se estudarem certos padrões funerários, enquanto ferramentas como a etnografia poderão ajudar a refinar a sua compreensão.

PALAVRAS-CHAVE

Paleodemografia; inumação; normativo; atípico; práticas funerárias.

ABSTRACT

All societies have their own rules to deal with death, but the fact that bones are almost the only evidence resulting from their funerary practices difficult its study in archaeology. The main aim of this work is to explore some of the difficulties associated with interpretation in funerary anthropology through four archaeological excavations carried out in the churches of Arcos de Valdevez, Freixo de Espada à Cinta, Barcelos and Torre de Moncorvo. In the future, larger sample sizes will be necessary to study certain funerary patterns, whilst tools such as the ethnographic research may also help to improve its interpretation.

KEYWORDS

Paleodemography; burial; normative; deviant; funerary practices.

1. A antropologia funerária enquanto espelho dos mortos e dos vivos

Todas as sociedades têm regras construídas a partir de crenças, consolidadas ao longo de séculos, para lidarem com os mortos, realçando a forma como tentam tornar mais compreensíveis vários aspetos que estão além do seu controlo (Bethencourt, 2008; Rebay-Salisbury, 2012). Daqui advém um dos grandes desafios a que o antropólogo se propõe quando interpreta os resultados de uma escavação em contexto funerário: compreender as crenças e simbologias associadas a determinadas práticas funerárias, cujos únicos testemunhos são os ossos (muitas vezes, mal preservados), o espaço funerário em que estes se enquadram e algum eventual espólio associado. Tal como em qualquer outra intervenção arqueológica, o contexto em que os enterramentos são recuperados é essencial para essa interpretação. É também igualmente importante perceber, à partida, que há pouco de aleatório no tratamento que é dado ao corpo quando o indivíduo falece (Waldron, 1994), e daqui advêm dificuldades, quer para o estudo da antropologia funerária, quer para a paleodemografia. Esse tratamento poderá ser pré-determinado por vários fatores, como o local de domicílio, as crenças religiosas, o *status* social, entre muitos outros – um dos maiores desafios interpretativos para o antropólogo decorre exatamente da perceção de quais os fatores que pré-determinaram um comportamento funerário específico. E, nesse sentido, essa interpretação vai resultar em informação sobre os mortos, sim, mas talvez mais ainda sobre os vivos. No entanto, este tipo de interpretação é, muitas vezes, complicado, mesmo para épocas e crenças religiosas que nos são mais próximas. Christopher Carr (1995) refere vários fatores que podem determinar as práticas mortuárias, sendo que as crenças filosófico-religiosas e a posição social do falecido são os fatores que atuam a um nível primário, de um modo transversal, em diversas sociedades, enquanto as circunstâncias da morte e a componente física do indivíduo influenciam a um nível secundário.

Tabela 1 Exemplos de diferentes determinantes de práticas e formas mortuárias, segundo Carr (1995).

Crenças filosófico-religiosas	<ul style="list-style-type: none">• Causa da doença e morte do indivíduo.• Vida após a morte.• Existência e/ou natureza da alma.• Reincarnação.• Punição da alma do falecido.• Mitos de origem.
Posição social	<ul style="list-style-type: none">• <i>Status</i> social em vida e no momento da morte.• Idade e género como posição social.
Circunstâncias da morte	<ul style="list-style-type: none">• Local e <i>timing</i> da morte.• Tempo passado desde a morte.• Causa de morte que pode causar constrangimentos no processamento do corpo, funeral, luto, etc.
Componente física	<ul style="list-style-type: none">• “Saúde física” do corpo ou sinais visíveis de decomposição.• Necessidade de acesso ao corpo para o ritual funerário e após o ritual.

Por outro lado, e como nos alerta Rebay-Salisbury (2012), é essencial ter a percepção de que as práticas funerárias numa mesma sociedade podem alterar-se num determinado espaço de tempo, pelo que certos comportamentos funerários devem ser discutidos e perspetivados à luz da época em que se enquadram. Um bom exemplo deste tipo de alterações em época pós-medieval, em Portugal, é o do caso da lixeira do final do século XIX/início do século XX da Rua do Vale, Lisboa, identificada em 2019, onde foram encontrados três nados-mortos que terão ali sido descartados precisamente por terem nascido mortos (RTP, 2019). Este tipo de tratamento seria inconcebível na atualidade, o que mostra que aquilo que achamos que são padrões ou normas religiosas perfeitamente enraizadas na nossa cultura poderiam ser bastante diferentes há pouco mais de 100 anos. Por outro lado, fatores como a orientação da sepultura, a sua constituição ou a posição em que o corpo foi colocado podem ter diferentes significados (Pearson, 1999), muito difíceis de perceber quando as únicas referências de estudo para o antropólogo são pouco mais que os ossos do indivíduo inumado. Nestes casos, a verdadeira justificação para determinado comportamento pode ter sido irremediavelmente esquecida, tornando-se irrecuperável. Aqui, a análise do conceito de enterramento atípico ou desviante – que a literatura define como uma deposição primária ou secundária que resulta em práticas funerárias inusuais, fora da norma religiosa vigente em determinada sociedade (Tsaliki, 2008; Aspöck, 2009) – ganha importância. No entanto, os diferentes significados das práticas funerárias tornam difícil a distinção entre a variabilidade normal e um efetivo enterramento atípico, sendo este tipo de interpretação, muitas vezes, um dos maiores desafios na antropologia funerária.



Figura 1 Localização geográfica (a laranja) das quatro igrejas matrizes intervencionadas no contexto deste trabalho (adaptado de d-maps, 2007-2020).

O objetivo do presente trabalho é discutir alguns aspetos da organização cemiterial pós-medieval no Portugal católico, assim como algumas das limitações interpretativas do que poderemos considerar enterramentos normativos ou atípicos. Pretende-se também abordar algumas das dificuldades associadas à análise paleodemográfica nos contextos funerários da época. Estes tópicos serão discutidos a partir de quatro intervenções arqueológicas realizadas nas igrejas matrizes de Arcos de Valdevez, Barcelos, Freixo de Espada à Cinta e Torre de Moncorvo.

2. Análise osteológica e antropologia funerária: metodologia

Para a análise paleodemográfica foram tidos em conta três parâmetros: o número mínimo de indivíduos (NMI), a diagnose sexual e a estimativa da idade à morte. Para o estudo do NMI foram utilizados os métodos desenvolvidos por Herrmann (1990 citado por Silva, 1993) – para os ossos longos do esqueleto pós-craniano.

Quanto à estimativa da diagnose sexual, foram aplicados métodos que têm em conta a representatividade de cada osso, assim como os diferentes graus de fragmentação em que se encontram. Para além disso, e dada a importância da fidedignidade da leitura dos dados em questão, foram aplicadas, sempre que possível, metodologias desenvolvidas em populações portuguesas. Em alternativa, quando se verificava a sua ausência, foram aplicados métodos com fiabilidade elevada em populações preferencialmente europeias. No esqueleto axial, concretamente no crânio, foram aplicadas as metodologias apresentadas por Ferembach, Schwindezyk e Stoukal (1980) e Buikstra e Ubelaker (1994). Quanto ao esqueleto apendicular, foram aplicados métodos para a diagnose sexual nos ossos longos dos membros superiores e inferiores e osso ilíaco. Nos ossos longos dos membros superiores e inferiores foram aplicadas as metodologias de Cardoso (2000) e Wasterlain (2000), enquanto no calcâneo e no astrágalo foi aplicado o método de Silva (1995). No osso ilíaco foram aplicadas as metodologias de Ferembach, Schwindezyk e Stoukal (1980), Buikstra e Ubelaker (1994) e Bruzek (2002).

Finalmente, para a estimativa da idade à morte, os intervalos etários em que se enquadram os indivíduos inumados foram confirmados através do tamanho dos ossos, da fusão das epífises e da erupção dentária, de acordo com os vários critérios propostos em Scheuer e Black (2000). Quanto à confirmação da idade à morte dos adultos maduros e idosos, as dificuldades são maiores, dada a inexistência ou avançada fragmentação dos coxais e crânios, ossos em que normalmente se aplica este tipo de metodologia. Para este trabalho foram adaptados os intervalos etários de Cunha, *et al.* (2009). A adaptação consistiu em reduzir o limite máximo da faixa etária dos adultos jovens, de forma a fazê-la coincidir com a ida-

de máxima a que funde a extremidade esternal da clavícula, segundo refere MacLaughlin (1990), isto é, os 29 anos.

Tabela 2 Intervalos etários de classificação adaptados a partir de Cunha, *et al.* (2009).

Intervalo etário	Idade (anos)
Primeira infância	Nascimento – 6
Segunda infância	7 – 12
Adolescente	13 – 20
Adulto jovem	21 – 29
Adulto maduro	30 – 49
Adulto idoso	> 50

No que diz respeito à antropologia funerária, quando possível, foram analisados os seguintes parâmetros: orientação e decúbito da inumação; posição do crânio/mandíbula e dos membros superiores e inferiores; enterramento em espaço estreito ou amplo, assim como a decomposição do corpo em ambiente vazio ou preenchido e o preenchimento diferencial ou progressivo dos espaços vazios resultantes da decomposição dos tecidos moles, seguindo as recomendações de Duday (2006; 2009); a presença/ausência e tipo de espólio; o local da inumação (por exemplo, interior ou exterior da igreja). Finalmente, foi tida em conta a informação arqueológica procedente de cada uma das intervenções.

3. As intervenções arqueológicas: paleodemografia e antropologia funerária

3.1. Igreja Matriz de Arcos de Valdevez

A primitiva igreja de Arcos de Valdevez terá sido fundada, em 1372, pelo Abade de Sabadim. Já a matriz como hoje a conhecemos foi edificada na última década do século XVII, estando a sua construção concluída em 1700 (apesar de ter sido alvo de obras até 1770) (Ferreira, 2006; Carvalho, s.d.). A área de intervenção a que se refere este trabalho diz respeito a toda a nave única da igreja, depois de levantado o seu soalho em madeira (Magalhães, 2014a; Nogueira e Magalhães, 2015). O objetivo foi o de limpar e registar toda a nave, assim como recolher o material osteológico humano encontrado à superfície (Magalhães, 2014a). Esta foi a única igreja matriz, das quatro a que se refere este trabalho, na qual não foi realizada qualquer escavação arqueológica, tendo apenas sido feito o acompanhamento da obra e registo de todas as ações que pudessem afetar o interior da igreja. Nesse sentido, foram registados e recuperados 480 ossos ou fragmentos de ossos humanos resultantes da

limpeza de superfície, para além de dois ossários que se encontravam lado a lado, um com 36 e outro com 44 ossos ou fragmentos de ossos humanos (Magalhães, 2014a). Um dos ossários continha ainda azulejo idêntico ao que também apareceu misturado com os ossos soltos, pelo que estes conjuntos de ossos deverão ter sido recolhidos e ali organizados numa das últimas obras no local (Magalhães, 2014a). De todos os ossos recuperados, foi obtido um número mínimo de nove indivíduos, através do fémur esquerdo, sete pertencentes a adultos e dois a não adultos (Magalhães, 2014a).

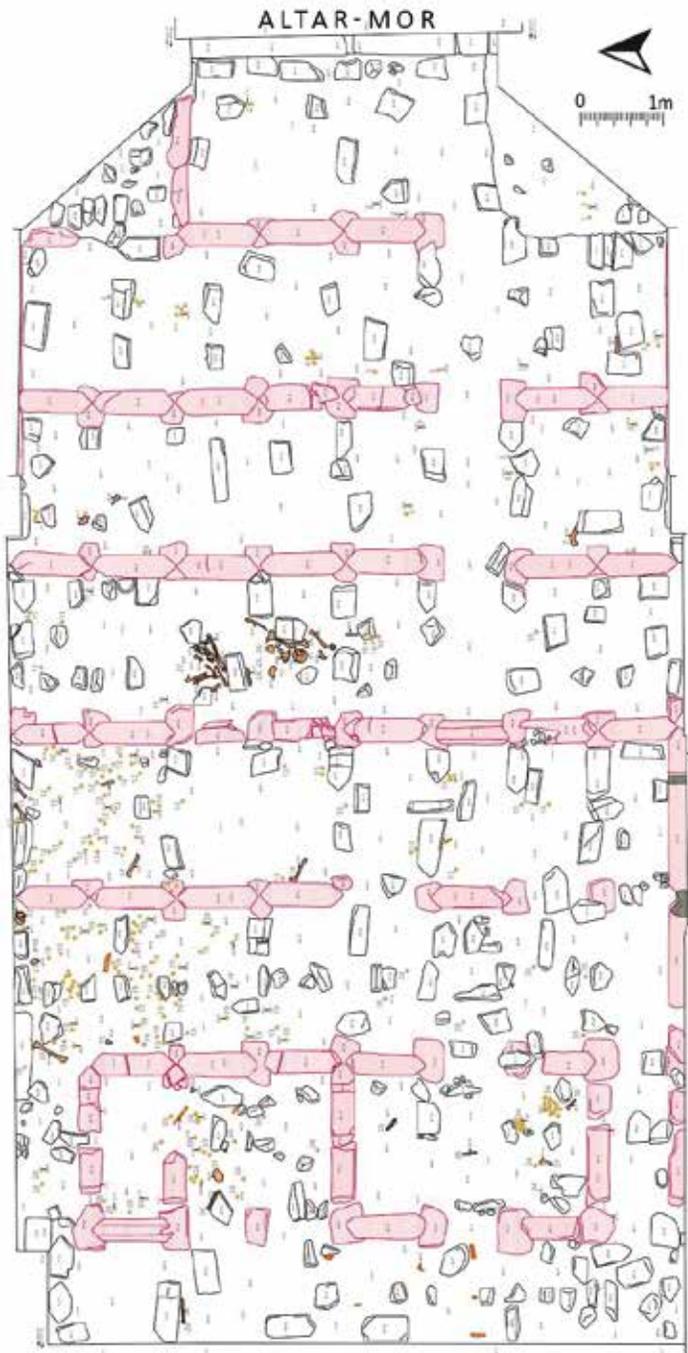


Figura 2 Plano da nave da Igreja Matriz de Arcos de Valdevez: pedras de sepultura *in situ* (a rosa) e ossos/fragmentos de osso registados também *in situ* (a castanho) depois de levantado o soalho da nave da igreja. As maiores concentrações de ossos (ao centro) correspondem a ambos os ossários recuperados (adaptado de Nogueira e Magalhães, 2015).

Apesar de não terem sido escavadas quaisquer inumações, o levantamento do soalho e limpeza de toda a área da nave da igreja permitiu perceber a forma como estava organizado o cemitério no seu interior, pelo menos a última organização existente, quando ali terminaram definitivamente as inumações¹. Toda a nave da igreja foi dividida com lajes em granito, dispostas paralela e perpendicularmente ao altar-mor; as orientadas paralelamente ao altar estavam ainda quase todas *in situ*, uma vez que foram reaproveitadas como assentamento para as traves que sustentavam o soalho em madeira mais recente (Magalhães, 2014a) – eram ainda visíveis, um pouco por toda a nave, as respetivas fiadas regulares. O método de construção passou pela colocação destas pedras em granito (com cerca de 1 m de comprimento e que terminam em V) de forma a que encaixassem em pedras idênticas, mas colocadas perpendicularmente para fecharem um retângulo bem delimitado onde eram



Figura 3 Igreja Matriz de Arcos de Valdevez: exemplos de lápides sepulcrais epigrafadas reutilizadas no chão, junto à entrada oeste da igreja (à esquerda) e no chão da torre sineira da igreja (à direita).

1 Em nenhuma das quatro igrejas estudadas neste trabalho é conhecido o ano em que terminaram as inumações no respetivo cemitério. Sabe-se, no entanto, que, a partir de meados do século XIX, aquando da promulgação das legislações cemiteriais e das Leis da Saúde de 1835 e 1844, respetivamente (Roque, 1982; Cabral e Feijó, 1985; Catroga, 1991; 1998; 1999), estes cemitérios foram sendo substituídos por outros mais afastados do centro populacional. Em muitas cidades, este tipo de legislação provocou mesmo grandes tumultos, e a região Norte do País, assim como as zonas mais rurais, foram as de mais difícil implementação daquelas medidas (Goldey, 1985), pelo que é possível que só mais próximo do final do século XIX estes cemitérios tenham sido substituídos.

realizadas as inumações (Magalhães, 2014a). Em toda a área da nave estas fiadas em granito, perpendiculares ao altar-mor, apenas se encontram *in situ* junto à entrada oeste da igreja e apenas aí podemos adivinhar ainda o delineamento retangular de, pelo menos, 48 destas divisões para inumação no interior de toda a nave da igreja, que pareciam também estender-se na direção das capelas laterais. Finalmente, é também quase certo que todas estas sepulturas fossem seladas com lápides epigrafadas retangulares também em granito. As lápides com inscrições registadas, quer junto à entrada oeste da igreja, quer no chão da torre sineira são exemplos de lápides reaproveitadas e que, atualmente, estão fora do sítio (Nogueira e Magalhães, 2015).

3.2. Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta

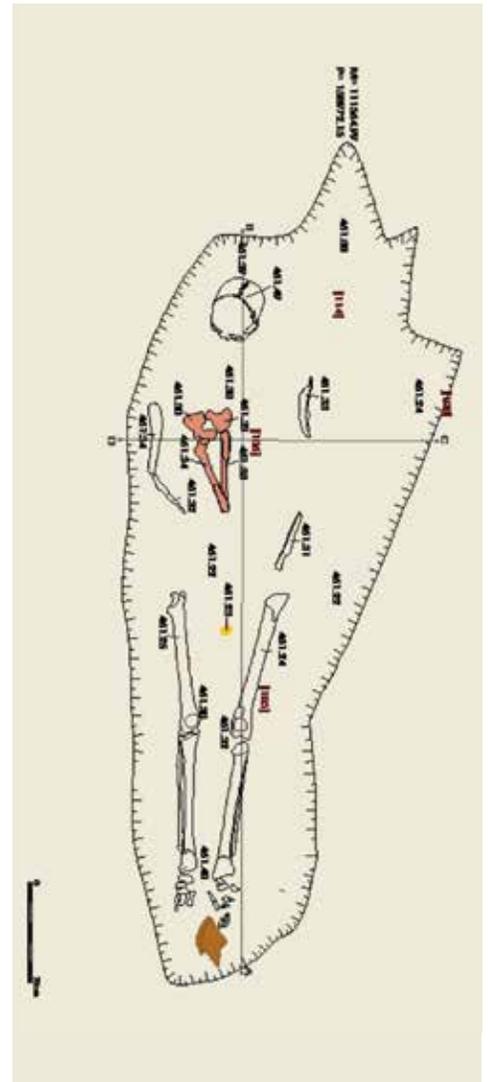
A Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta, com orago a S. Miguel Arcanjo, foi mandada edificar por D. Manuel I, no espaço onde outra igreja ou capela anterior terá existido. Esta campanha de construção, do início do século XVI, ter-se-á arrastado durante cerca de um século, sendo que as obras terminaram de forma definitiva já durante o reinado de D. João IV (Pintado, 1991). A intervenção arqueológica realizada em 2014 incluiu a escavação de uma sondagem de avaliação (4 x 2 m) no interior da igreja, encostada ao batistério (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016), que revelou quatro inumações (esqueletos 1, 2, 5 e 6), uma redução com 117 ossos ou fragmentos de ossos, um ossário com três crânios e 115 ossos ou fragmentos de ossos, para além de 2419 ossos soltos. Os esqueletos 3 e 4 foram também identificados, apesar de não terem sido escavados. O osso mais representado no total da amostra foi o fémur esquerdo, que resultou num número mínimo de 26 indivíduos (24 adultos e dois não adultos) (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016).

Os indivíduos 1 e 2 foram inumados na mesma sepultura: o indivíduo 1 terá falecido durante os primeiros meses de vida (o grau de desenvolvimento dos fémures mostra que não se trataria já de um recém-nascido), enquanto o indivíduo 2 se tratará de um adulto do sexo feminino (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016). Ambos tinham os ossos em muito mau estado de preservação e destacam-se pela quantidade de espólio que tinham associado: 15 contas de colar, um crucifixo, um botão circular e cinco moedas em cobre, para além de duas medalhas ovais, um fecho, dois alfinetes de cabeça e um fragmento de gancho, todos em liga de bronze (Nisa, Falcão e Magalhães, 2014). Os indivíduos 1 e 2 parecem ter sido inumados na mesma altura, o não adulto “ao colo” e aconchegado pelo braço direito do indivíduo 2 (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016), enquanto o adulto tem o crânio virado a sudeste, ao mesmo tempo na direção do crânio do não adulto e do altar da igreja. Colocamos a hipótese de mãe e filho terem falecido e sido inumados simultaneamente, parecendo, pelo menos, bastante provável haver uma relação familiar forte entre ambos (ou o não adulto teria sido inumado à parte).

Tabela 3 Descrição dos diferentes aspetos identificados na antropologia funerária dos cemitérios das igrejas matrizes de Freixo de Espada à Cinta, Barcelos e Torre de Moncorvo.

Esqueleto [UE]	Sexo	Idade à morte	Decúbito	Orientação	Espólio	Crânio	Membros superiores	Membros inferiores
Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta								
1 [105]	–	Primeira infância	Dorsal	O-E	Sim	À direita (sudeste)	–	Cruzados ao nível dos fêmures
2 [106]	Feminino	Adulto	Dorsal	O-E	Sim	–	Esquerdo sobre a zona pélvica e direito a “segurar” o indivíduo 1	Esticados e paralelos
3 [110]	–	Adulto	–	O-E	?	À direita (sudeste)	–	–
4 [115]	–	Adulto	–	O-E	?		–	–
5 [116]	Feminino	Adulto	Dorsal	O-E	Sim	–	–	Esticados e paralelos
6 [117]	Masculino	Adulto	Dorsal	O-E	Sim	–	Esquerdo sobre o tronco e direito sobre a zona pélvica	Esticados e paralelos
Igreja Matriz de Barcelos								
1 [223]	–	Primeira infância (recém-nascido)	Lateral esquerdo	O-E	Não	–	–	Fletidos
2 [226]	–	Primeira infância (recém-nascido?)	–	O-E	Não	–	–	–
3 [227]	Feminino	Adulto	Dorsal	O-E	Não	–	Mãos sem se tocarem sobre a zona pélvica	Cruzados ao nível das tíbias (direito por cima)
4 [238]	–	Primeira infância	Lateral esquerdo	O-E	Não	–	–	–
5 [241]	–	Primeira infância	–	E-O	Não	–	–	–
6 [244]	–	Adulto	Dorsal	O-E	Não	–	–	Esticados e paralelos
7 [247]	–	Primeira infância	Dorsal	O-E	Não	–	–	Perna esquerda fletida
8 [248]	–	Primeira infância	Dorsal	O-E	Não	À direita (sudeste)	–	Esticados e paralelos
9 [251]	Feminino	Adulto	–	O-E	Não	–	–	–
10 [256]	–	Adulto	Dorsal	O-E	Não	–	Mãos sobre a zona pélvica	Esticados e paralelos
11 [264]	Não escavado					–		
12 [115]	–	Adulto	Dorsal	O-E	Não	–	–	–
Igreja Matriz de Torre de Moncorvo								
1 [205]	–	Adulto (>29 anos)	Dorsal	E-O	Sim	À esquerda (tafonomia)	Cruzados ao nível dos pulsos na zona pélvica (direito por cima)	Cruzados ao nível das tíbias (direito por cima)
2 [304]	–	Adulto	Dorsal	O-E	Não	–	Braço direito fletido sobre o tronco (esquerdo ausente)	Esticados e paralelos

Figura 4 Indivíduos 1 (não adulto) e 2 (adulto) inumados no interior da Igreja Matriz de Freixo de Espada à Cinta. O indivíduo não adulto foi inumado “ao colo” do adulto (no desenho de ambos (à esquerda): numisma (a amarelo) e sola de sapato (a castanho, em baixo)).



Os indivíduos 5 e 6 foram também inumados no mesmo espaço sepulcral, dando a entender que, também aqui, estamos perante uma área cemiterial onde eram inumados indivíduos da mesma família, tal como os espaços que existem nos cemitérios atuais (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016). O indivíduo 5 trata-se de um adulto de sexo feminino, enquanto o 6 de um adulto de sexo masculino. Tal como nos indivíduos 1 e 2, também nos 5 e 6 foi encontrado bastante material associado: junto à zona do punho/mão direita do indivíduo 5 foram recuperadas 141 contas de colar com formato circular, em pasta vítrea e de cor azul-clara; associados ao indivíduo 6 foram recuperados uma fivela em cobre (possivelmente de sapato ou espora), um botão circular em cobre com face plana e uma conta circular de rosário em madeira (Nisa, Falcão e Magalhães, 2014). O facto de o indivíduo 6 aparentar a rotação de ambos os fémures para o exterior do seu espaço anatómico sepulcral poderia indiciar a sua decomposição num espaço vazio, apesar de ambas as patelas terem sido identificadas no seu local anatómico. Infelizmente, a maior parte dos ossos deste indivíduo não se preservaram, enquanto os presentes se encontram muito mal preservados devido à humidade.

É também bastante interessante o ambiente em que se realizaram as inumações no interior da nave da igreja. Não foram detetados indícios de inumação em caixão, provavelmente porque o espaço funerário foi esculpido no próprio afloramento xistoso local (embora de forma algo tosca), em semirretângulo, no caso dos enterramentos 1 e 2, de forma a aí ser colocado um indivíduo adulto, e no caso dos enterramentos 3, 4, 5 e 6, com um espaço funerário mais largo, de forma a serem colocados dois adultos lado a lado (Nisa, Falcão e Magalhães, 2016). É, no entanto, possível que estes espaços tenham já sido utilizados anteriormente, o que não invalida a possibilidade de estarmos perante sepulturas familiares. Todos os restantes dados referentes à antropologia funerária podem ser consultados na Tabela 3.



Figura 5 Indivíduos 5 (à direita) e 6 (à esquerda) da Igreja de Freixo de Espada à Cinta. O espólio recuperado inclui 141 contas de colar em pasta vítrea, com formato circular, de cor azul-clara, associada ao indivíduo 5, e uma fivela assimétrica em associação ao indivíduo 6.

3.3. Igreja Matriz de Barcelos

Também em Barcelos existiu um primeiro edifício religioso, cuja construção remonta ao segundo quartel do século XIV, possivelmente por encomenda do conde de Barcelos, D. Pedro (filho de D. Dinis). A atual estrutura, dedicada a Santa Maria, e considerada Monumento Nacional desde 1927, sofreu várias e grandes transformações desde o século XV (Almeida, 1990). Durante a campanha a que se refere este trabalho foram escavadas duas sondagens arqueológicas de diagnóstico no exterior da igreja: a sondagem 1 (1 x 2 m), encostada à parede este da sacristia, e a sondagem 2 (3 x 2 m), encostada às paredes sul da igreja e este da torre sineira (Magalhães, 2014b). As sondagens localizavam-se na traseira (sondagem 1) e lateral (sondagem 2) do cemitério, portanto, em zona mais marginal do cemitério em relação à entrada principal e adro da igreja. Nas duas sondagens foram identificadas 12 inumações, uma na sondagem 1 e 11 na sondagem 2. Apenas o indivíduo 11, identificado na sondagem 2, não foi levantado. Quanto aos restantes, foram identificados dois indivíduos do sexo feminino (2/11, 18,2%) e nove de sexo indeterminado (9/11, 81,8%) (Magalhães, 2014b). No que diz respeito à idade à morte, foram identificados seis indivíduos enquadráveis na primeira infância (6/11, 54,5%) e cinco adultos (5/11, 45,5%). No geral, nota para a presença de uma alta representatividade de indivíduos não adultos, enquadráveis na primeira infância (6/10, 60%), na sondagem 2, dois dos quais recém-nascidos. Por outro lado, não foi possível especificar a idade dos indivíduos adultos dentro dos respetivos intervalos etários (jovem, maduro e idoso), devido à muito má preservação dos ossos recuperados (Magalhães, 2014b).

No que diz respeito à antropologia funerária, foram identificados seis indivíduos inumados em decúbito dorsal (6/11, 54,5%), dois em decúbito lateral esquerdo (2/11, 18,2%) e três em posição indeterminada (3/11, 27,3%). Dez indivíduos foram inumados com a orientação oeste-este (10/11, 90,9%) e apenas um com a orientação este-oeste (1/11, 9,1%). Foi possível registar a posição dos membros superiores em dois indivíduos (2/11, 18,2%), ambos inumados com as mãos sobre a zona pélvica. Quanto aos membros inferiores, foram colocados de forma distendida e paralela entre si em três indivíduos (3/11, 27,3%), dois com pelo menos um dos membros fletidos (2/11, 18,2%) e um indivíduo com as pernas cruzadas (1/11, 9,1%). Todos os indivíduos parecem ter sido inumados sem caixão, em vala aberta diretamente na terra, e não foi registado qualquer tipo de espólio associado aos enterramentos.



Figura 6 Enterramentos 7 e 8 de não adultos na Igreja Matriz de Barcelos, com os fêmures e as tíbias do indivíduo 7 (únicos ossos recuperados) assinalados (setas laranjas).

3.4. Igreja Matriz de Torre de Moncorvo

A Igreja Matriz de Torre de Moncorvo, dedicada a Nossa Senhora da Conceição, terá sido erguida no local de um outro templo, a Igreja de Santa Maria, construída já durante o século XIV (Abreu, 1999). As obras de construção da atual matriz ter-se-ão iniciado durante os finais da primeira década do século XVI, estando ainda em obras durante o século XVII (Abreu, 1999). É provável que o adro e interior da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo tenham sido utilizados como cemitério, pelo menos, desde o século XVI. No entanto, e como o templo atual terá sido erguido em cima de outro mais antigo, é possível que o espaço enquanto cemitério remonte à época medieval, embora esses enterramentos possam ter sido afetados por obras posteriores. Na intervenção arqueológica realizada entre o final de 2014 e o início de 2015 foram abertos três poços/sondagens (2,59 x 2,51 m; 2,35 x 1,38 m; 4,70 x 2,20 m), de forma a conseguir-se a inspeção visual das fundações das paredes de alvenaria (Magalhães, 2016). Todas foram realizadas em zona lateral e traseira da igreja, numa área também algo marginal em relação à sua entrada principal e respetivo adro. Daqui resultou a escavação de dois enterramentos e um número mínimo de quatro indivíduos (Magalhães, 2016).

O indivíduo 1, um adulto maduro de sexo indeterminado, foi inumado com a orientação este-oeste, contrária à norma canónica, e em decúbito dorsal (Magalhães, 2016). Para além disso, os membros superiores foram cruzados ao nível dos pulsos (a mão direita por

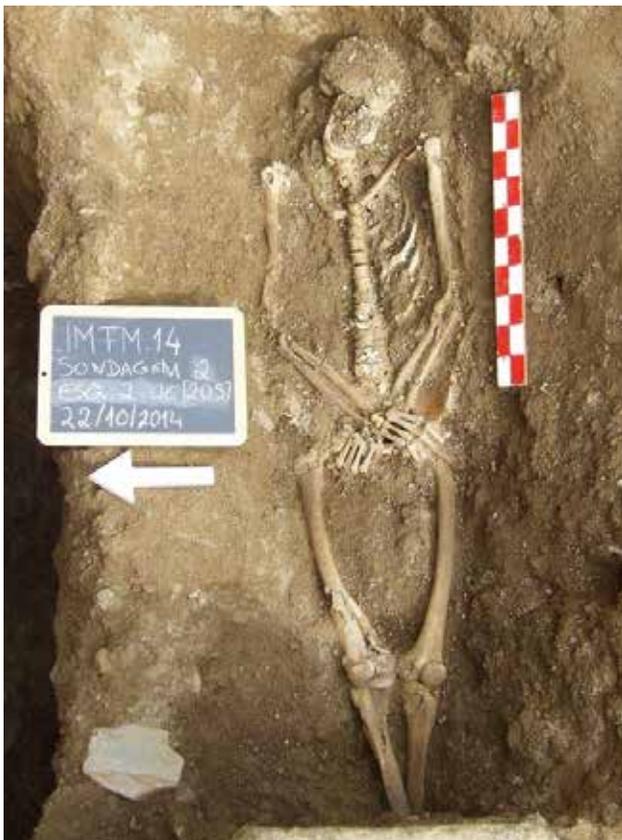


Figura 7 Indivíduo 1 da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo.

cima da esquerda), na zona pélvica (Magalhães, 2016). Também os membros inferiores foram cruzados, neste caso ao nível da metade distal das tíbias, com a perna direita por cima da esquerda (Magalhães, 2016). O seu crânio encontrava-se com inclinação para a esquerda (sudoeste) e com a mandíbula desarticulada (as vértebras cervicais não eram, infelizmente, observáveis). É também evidente o colapso da caixa torácica e os fémures parecem ter rodado lateralmente, devido à aparente queda dos coxais com a decomposição dos tecidos moles que os suportavam. Estes parecem ser indícios de enterramento em espaço vazio, apesar das patelas e dos ossos das mãos terem sido encontrados no seu espaço anatómico. O indivíduo parece também inumado em espaço estreito devido à verticalização das clavículas, possivelmente devido à compressão dos ombros pela mortalha. Efetivamente, foram recuperados dois alfinetes e um fragmento indeterminado em bronze associados ao enterramento. Este tipo de enterramento em espaço estreito pode também ter contribuído para que algumas das articulações lábeis descritas não terem sido perturbadas. Devido às indicações dadas pela tutela, não foi possível escavar o esqueleto na totalidade, pelo que não foi levantado.

Já o indivíduo 2, um adulto de sexo indeterminado, encontrava-se bastante mal preservado (Magalhães, 2016). Foi inumado com orientação oeste-este, em decúbito dorsal e em sepultura aberta diretamente na terra. Dos membros superiores foi apenas possível observar que o braço direito foi depositado de forma fletida, com o rádio, cúbito e mão sobre o tronco. Já os membros inferiores foram colocados de forma distendida e paralela entre si. Não foi encontrado material associado ao enterramento (Magalhães, 2016).

4. Contributos para o estudo da antropologia funerária em Portugal

As intervenções arqueológicas abordadas neste trabalho mostram vários fatores transversais à forma como a morte é abordada no período pós-medieval em Portugal, corroborando muito daquele que é o conhecimento atual sobre o assunto. As igrejas matrizes de Arcos de Valdevez e de Freixo de Espada à Cinta, por exemplo, confirmam como, apesar de os enterramentos no interior de edifícios religiosos serem proibidos desde o I Concílio de Braga, no século VI (Queiroz, 2002), os hábitos de inumação no interior de igrejas ou claustros continuaram um pouco por todo o País, até ao século XIX, uma vez que, ao longo dos séculos, e tal como Queiroz (2002) refere, nunca foram tomadas medidas verdadeiramente sérias para que essa determinação entrasse em vigor. O mesmo investigador refere ainda que existem zonas do País em que foram os enterramentos nos adros das igrejas os que prevaleceram, enquanto noutras regiões foi o interior do templo o espaço mais utilizado, sendo o adro apenas o último recurso. No entanto, à falta de espaço no interior das igrejas (o que seria recorrente na grande maioria dos locais com utilização intensiva ao longo de sé-



Figura 8 Gravura do século XIX onde se realiza um enterramento no interior de uma igreja (APDG, 1826).

culos), apenas os indivíduos com mais posses teriam esse privilégio (Cabral e Feijó, 1985). É efetivamente esta a ideia que transparece da quantidade de espólio recuperado junto aos indivíduos inumados no interior da Igreja de Freixo de Espada à Cinta, quando comparado com a escassez de material associado às inumações no exterior das matrizes de Barcelos e Torre de Moncorvo.

Por outro lado, a sondagem 2 na matriz de Barcelos tem como particularidade a presença de uma alta representatividade de indivíduos não adultos, enquadráveis na primeira infância. Henry Duday (2009) refere que, em quase todas as sociedades, as crianças, principalmente as que faleceram próximas do nascimento, estão sujeitas a práticas funerárias diferentes da restante população. Os cristãos acreditam que a criança que não é batizada não pode ser considerada filha da Igreja, e que se morre sem o dito sacramento significa que morre no estado de pecado original, podendo apenas ser inumada em solo não sagrado dentro do próprio cemitério (Duday, 2009). De facto, a existência de espaços próprios em época medieval, moderna e contemporânea para o enterramento de não adultos, principalmente dos mais jovens, foi já estudada por vários autores (Ariès, 1962; Cardoso, 2003-2004), e nos últimos anos têm surgido vários exemplos disso mesmo em Portugal. Em Amieira do Tejo, por exemplo, todos os indivíduos não adultos provenientes das escavações na Praça de Armas local foram inumados numa área específica do cemitério, dentro do espaço amuralhado, mais concretamente na sondagem 10, por trás da capela de São João Batista (Araújo, 2013). Também na Igreja Matriz de Évora de Alcobaça foi registada uma situação similar na sondagem 2, desta vez em zona lateral do adro da igreja, onde foram inumados todos os não

adultos registados nas oito sondagens realizadas (Magalhães, 2011). Este é um tema bastante interessante, uma vez que tem implicações interpretativas, quer para a antropologia funerária, quer para a paleodemografia deste tipo de sítios arqueológicos. Hugo Cardoso discute, em 2003-2004, uma sub-representatividade de indivíduos não adultos, principalmente os muito jovens, nas coleções osteológicas provenientes de cemitérios portugueses. Várias são as hipóteses interpretativas exploradas pelo investigador, essencialmente através de modelos definidos por Tony Waldron e Robert Hoppa, nos anos 1990, associados a quatro filtros específicos (biológico, cultural, ambiental e metodológico²). Todos estes filtros podem introduzir erro na interpretação, desde a população viva até à amostra osteológica analisável recuperada numa determinada intervenção arqueológica. No contexto daquilo que nos diz a sondagem 2 escavada na matriz de Barcelos, essa maior ou menor representatividade poderá estar relacionada com o facto de existirem locais específicos para inumação de não adultos que as sondagens arqueológicas implantadas nas escavações, muitas vezes pequenas sondagens de diagnóstico, podem não detetar. Neste contexto, se na Igreja Matriz de Barcelos não tivesse sido escavada a sondagem 2, se no cemitério da Amieira do Tejo não tivesse sido escavada a sondagem 10 ou se em Évora de Alcobaça não tivesse sido escavada também a sondagem 2, poderíamos ser levados a perguntar, como aliás o próprio Hugo Cardoso pergunta, em 2003-2004: “Onde estão as crianças?”. É essencialmente o filtro cultural que aqui está presente, associado a práticas funerárias e crenças religiosas determinadas pela idade à morte dos indivíduos inumados (Waldron, 1994; Hoppa, 1996) e, particularmente no caso dos recém-nascidos, por possível ausência do batismo. Este é um bom exemplo de como as práticas funerárias poderão enviesar o estudo paleodemográfico de um conjunto de inumações escavadas (tamanho da população, distribuição etária, variação no tempo e no espaço, saúde, entre outros parâmetros), que, desta forma, não refletem a população da qual provêm.

Quanto às diferentes práticas funerárias adotadas para cada um dos enterramentos, muito ainda há por compreender sobre determinados padrões e do que poderemos considerar normativo ou atípico num enterramento em espaço sacralizado. A posição do corpo é, talvez, o parâmetro que deixa menos dúvidas. Quase todos os indivíduos foram inumados em decúbito dorsal, portanto, dentro da norma católica (Machado, 1999), e apenas dois, enquadráveis na primeira infância, foram registados em decúbito lateral esquerdo. A posição do corpo dos enterramentos de não adultos poderá ser bem mais variável, principalmente daqueles dentro da primeira infância, sem que isso signifique que estamos perante um enterramento atípico. É sobretudo a identificação da exceção nos padrões corporais em indivíduos adultos que nos deve alertar para o atípico em relação à norma vigente dentro de um cemitério. Gonçalves e Santos (2005) enumeraram vários destes exemplos conhecidos em cemitérios portugueses. Para além disso, os indivíduos descartados no tribunal religioso da Inquisição de Évora (Magalhães, Fernandes e Santos, 2015) ou os escravos africanos do

2 Ver discussão em Cardoso (2003-2004).

Valle da Gafaria, em Lagos (Ferreira, Coelho e Wasterlain, 2019), embora não estejam em espaços sagrados, devem também servir como um bom ponto de partida para percebermos precisamente as determinantes que conduziram à ausência de normatividade funerária aquando da morte daqueles indivíduos (ver Tabela 1). É, no entanto, importante referir que a orientação em que o corpo é inumado poderá ser bem mais variável que a sua posição, sem que isso possa representar algo de atípico, principalmente nos cemitérios exteriores a igrejas matrizes que foram utilizados durante centenas de anos, como é o caso daqueles a que se refere este trabalho. A ocupação intensiva do adro de uma igreja pode facilmente levar a que qualquer espaço seja (re)aproveitado e, por conseguinte, os indivíduos, apesar de serem inumados em decúbito dorsal, o sejam, ao mesmo tempo, com uma orientação não normativa, mas que apenas pretende aproveitar pequenos espaços vagos no local.

Quanto às determinantes que podem estar associadas à posição dos membros (superiores e inferiores), são, no presente estado de conhecimento, bastante dúbias. Machado (1999) refere três grupos diferentes enquadráveis na norma cristã no que respeita à posição dos membros superiores: (1) as mãos postas ou cruzadas sobre o tronco, (2) o braço esquerdo ao longo do corpo ou (3) o braço direito dobrado em ângulo sobre o peito. Para além de um único indivíduo com o braço direito fletido sobre o tronco, todos os outros em que foi possível registar a posição dos membros superiores mostram que um ou ambos os braços eram colocados sobre a zona pélvica (ver Tabela 3), o que nos parece ser o ‘mais normativo’ no contexto deste trabalho. Quanto aos membros inferiores, a posição mais recorrente, pelo menos nos adultos, é a de ambos os membros esticados e paralelos entre si. Apesar disso, foram registados dois adultos com os membros inferiores cruzados, uma atitude perante a morte pouco normal no registo da antropologia funerária pós-medieval portuguesa. Se, por um lado, são necessários estudos com amostras maiores, de forma a melhor compreendermos este tipo de padrões, a investigação etnográfica já se mostrou bastante útil para a sua interpretação (relembramos os trabalhos de Christopher Carr, por exemplo), e mais trabalhos deverão ser desenvolvidos no âmbito da arqueologia e antropologia biológica. Dessa forma, talvez possamos compreender melhor se as diferentes posições dos membros, entre vários outros fatores, poderão indiciar a inumação de um indivíduo que professou outra religião, que foi perseguido por supostas crenças desviantes (bruxaria, por exemplo, com o advento da Inquisição), que evidenciava uma doença socialmente estigmatizante ou que apenas apresentava variabilidade normal dentro daquela que pode ser considerada a norma vigente. Neste particular, destaque para o indivíduo 1 de Torre de Moncorvo, inumado com as mãos e pernas cruzadas, com orientação este-oeste e em local marginal do cemitério da igreja. Poderá este conjunto de circunstâncias significar que estamos perante um enterramento atípico, devido a determinantes que hoje desconhecemos associadas à vida daquele indivíduo? E, em caso afirmativo, quais serão essas determinantes? Já a posição do crânio é associada por alguns investigadores à posição que o orago ocupa no templo onde o indivíduo foi inumado. Duday (2009) refere, neste sentido, que não é raro que os olhos do falecido fiquem simbolicamente virados para o local sagrado. Se a posição do crânio do indivíduo 1

de Torre de Moncorvo parece perturbada por alterações tafonómicas, já os crânios dos três indivíduos de Freixo de Espada à Cinta, cuja posição foi possível registar, encontravam-se precisamente virados no sentido do altar da igreja.

Finalmente, parece-nos também interessante referir que apenas dois enterramentos parecem mostrar indícios de inumação em espaço vazio (indivíduo 6 de Freixo de Espada à Cinta e indivíduo 1 de Torre de Moncorvo), apesar das evidências não serem definitivas, o que também se enquadra nos exemplos de outros cemitérios portugueses, com inumações realizadas exclusivamente (Rodrigues, 2005; Curto, 2011) ou maioritariamente (Antunes-Ferreira e Ferreira, 2001; Gonçalves, 2011) sem o uso de caixão. Neste particular, é interessante verificar que os diferentes locais de enterramento podem adaptar-se à geologia do terreno. Se no interior da matriz de Arcos de Valdevez pelo menos 48 sepulturas retangulares foram divididas por lajes de granito e tapadas com lápides epigrafadas, aproveitando-se a geologia local, já no interior da matriz de Freixo de Espada à Cinta as sepulturas familiares foram objetivamente definidas e divididas através de áreas semirretangulares escavadas no próprio afloramento em xisto. Pelo contrário, e como aliás já foi dito atrás, nos adros e cemitérios que circundam as igrejas, a ocupação do espaço é muito mais confusa e aleatória, como nos casos de Barcelos e Torre de Moncorvo, fruto de centenas de anos de utilização e de obras aí realizadas ao longo de séculos.

5. Conclusões

A antropologia funerária, assim como a paleodemografia, são das disciplinas mais importantes em qualquer relatório antropológico em Portugal, mais ainda para a época pós-medieval, à qual se refere obrigatoriamente a grande maioria dos relatórios de intervenções arqueológicas em templos religiosos. Há ainda bastante por perceber no que concerne a alguns ritos e simbologias, mesmo para um período temporal tão próximo. Nesse sentido, são vários os parâmetros a que o antropólogo deve estar atento, de forma a serem discutidos os possíveis significados de um enterramento cuja linha entre o normativo e o atípico pode ser bastante ténue. Quanto melhor for o conhecimento em relação à antropologia funerária, melhor será também o nosso conhecimento sobre o quanto a paleodemografia pode ser enviesada pelas características próprias de um cemitério da época – a existência de locais próprios para o enterramento de crianças é disso um bom exemplo. Nesse sentido, este trabalho abordou alguns temas importantes para ambas as disciplinas da antropologia biológica, de forma a alertar para a sua importância na interpretação de um cemitério pós-medieval, ainda para mais quando, usualmente, apenas uma pequena área desses mesmos cemitérios é intervencionada, tal como as intervenções arqueológicas cujos resultados são divulgados neste trabalho.

Agradecimentos

O autor gostaria de agradecer a Ângela Araújo, Paula Abranches, Paulo Lemos, Archo'Estudos e Câmara Municipal de Lousada.

Referências bibliográficas

Abreu, C., 1999. As igrejas da vila de Torre de Moncorvo com estatuto de matriz (séculos XIII-XVIII). *DOURO – Estudos & Documentos*, IV(8), pp. 83-117.

Almeida, C. A. F., 1990. *Barcelos: Cidade e vilas de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

Antunes-Ferreira, N. e Ferreira, M. M., 2001. As práticas de inumação na antiga Ermida de N. Sr.ª da Conceição (Seixal). *ERA Arqueologia*, 3, pp. 58-73.

APDG, 1826. *Sketches of Portuguese Life, manners, costume, and character*. [em linha] Londres: R. Gilbert, St. Johnas Square. Disponível em <<http://purl.pt/14638>> [Consult. 14 de agosto de 2019].

Araújo, Â. C. T., 2013. *Amieira do Tejo e a ruralidade portuguesa nos séculos XIX e XX. Análise de uma amostra osteológica humana exumada na Praça de Armas do Castelo*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

Ariès, P., 1962. *Centuries of childhood: a social history of family life*. New York: Alfred A. Knopf.

Aspöck, E., 2009. *The Relativity of Normality. An Archaeological and Anthropological Study of Deviant Burials and Different Treatment at Death. Volume I*. Tese de Doutoramento. University of Reading.

Bethencourt, A. M. S., 2008. Life and death in the Bronze age of the NW of Iberian Peninsula. In: Fredrik Fahlander e Terje Oestigaard, eds., 2008. *The Materiality of Death: Bodies, Burials, Beliefs*. Berlin/Oxford: Archaeopress. pp. 99-104.

Bruzek, J., 2002. A method for visual determination of sex, using the human hip bone. *American Journal of Physical Anthropology*, 117(2), pp. 157-168.

Buikstra, J. e Ubelaker, D., 1994. *Standards for data collection from human skeletal remains*. Arkansas: Field Museum of Natural History (Arkansas Archaeological Survey Research Series, 44).

Cabral, J. P. e Feijó, R. G., 1985. Um conflito de atitudes perante a morte: a questão dos cemitérios no Portugal Contemporâneo. In: Rui G. Feijó, Hermínio Martins e João de Pina Cabral, eds., 1985. *A morte no Portugal contemporâneo: aproximações sociológicas, literárias e históricas*. Lisboa: Editorial Quercus. pp. 175-215.

Cardoso, H. F. V., 2000. *Dimorfismo sexual na estatura, dimensões e proporções dos ossos longos dos membros: o caso de uma amostra Portuguesa dos séculos XIX-XX*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

Cardoso, H. F. V., 2003-2004. Onde estão as crianças? Representatividade de esqueletos infantis em populações arqueológicas e implicações para a paleodemografia. *Antropologia Portuguesa*, 20/21, pp. 237-266.

Carr, C., 1995. Mortuary practices: their social, philosophical-religious, circumstantial, and physical determinants. *Journal of Archaeological Method and Theory*, 2(2), pp. 105-200.

Carvalho, R., [s.d.]. *Igreja matriz de Arcos de Valdevez, incluindo os azulejos tipo «tapete» e os retábulos de talha – detalhe*. [em linha] Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74515/>> [Consult. 12 de agosto de 2019].

Catroga, F., 1991. Revolução e secularização dos cemitérios em Portugal (iluministas e cremacionistas). In: António Matias Coelho, ed., 1991. *Atitudes perante a morte*. Coimbra: Livraria Minerva. pp. 95-173.

Catroga, F., 1998. Morte romântica e religiosidade cívica. In: José Mattoso, ed., 1998. *História de Portugal: o liberalismo. Volume V*. Lisboa: Editorial Estampa. pp. 505-511.

Catroga, F., 1999. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva.

Cunha, E., Baccino, E., Martrille, L., Ramsthaler, F., Prieto, J., Schuliar, Y., Lynnerup, N. e Cattaneo, C., 2009. The problem of aging human remains and living individuals: a review. *Forensic Science International*, 193(1-3), pp. 1-13.

Curto, A. Q., 2011. *Por Terras Templárias: estudo paleobiológico de uma amostra osteológica humana inumada em Santa Maria dos Olivais, Tomar*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

d-maps, 2007-2020. *Mapa Portugal. República Portuguesa: costas, limites, hidrografia (branco)*. [em linha] Disponível em: <https://d-maps.com/carte.php?num_car=2493&lang=pt> [Consult. 16 de março de 2020].

Duday, H., 2006. L'archéotatologie ou l'archéologie de la mort (archaeoethnoanatology or the archaeology of death). In: Rebecca Gowland e Christopher Knusel, eds., 2006. *Social Archaeology of Funerary Remains*. Oxford: Oxbow Books. pp. 30-56.

Duday, H., 2009. *The archaeology of the dead: lectures in archaeoethanatology*. Oxford: Oxbow Books.

Ferembach, D., Schwindezyk, I. e Stoukal M., 1980. Recommendations for age and sex diagnoses of skeletons. *Journal of Human Evolution*, 9, pp. 517-549.

Ferreira, M. (atualização), 2006. *Igreja Paroquial de Arcos de Valdevez / Igreja do Divino Salvador: IPA.00002167*. [em linha] Disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2167> [Consult. 10 de agosto de 2014].

Ferreira, M. T., Coelho, C. e Wasterlain, S. N., 2019. Discarded in the trash: burials of African enslaved individuals in Valle da Gafaria, Lagos, Portugal (15th-17th centuries). *International Journal of Osteoarchaeology*. [em linha]. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/oa.2747>> [Consult. 22 de agosto de 2019].

Goldey, P., 1985. A boa morte: salvação pessoal e identidade comunitária. In: Rui G. Feijó, Hermínio Martins e João de Pina Cabral, eds., 1985. *A morte no Portugal contemporâneo: aproximações sociológicas, literárias e históricas*. Lisboa: Editorial Quercus. pp. 175-215.

Gonçalves, A. A. S., 2011. *Estudo paleobiológico de uma amostra osteológica inumada em Santa Maria dos Olivais, Tomar*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.

Gonçalves, M. J. e Santos, A. L., 2005. Novos testemunhos do sistema defensivo islâmico de Silves e os restos osteológicos humanos encontrados junto à muralha de um arrabalde – notícia preliminar. *Xelb*, 5, pp. 177-200.

Hoppa, R. D., 1996. *Representativeness and bias in cemetery samples: implications for paleodemographic reconstructions of past populations*. Tese de Doutoramento. McMaster University.

Machado, C. A., 1999. *Cuidar dos mortos*. Sintra: Instituto de Sintra.

MacLaughlin, S. M., 1990. Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a Modern Portuguese skeletal sample. *Antropologia Portuguesa*, 8, pp. 59-68.

Magalhães, B. M., 2016. O cemitério do adro da Igreja Matriz de Torre de Moncorvo: resultados de uma intervenção. *Revista CEPIHS*, 6, pp. 391-407.

Magalhães, B. M., Fernandes, T. M. e Santos, A. L., 2015. The unburied prisoners from the jail of the Inquisition of Évora, Portugal. *Journal of Anthropological Archaeology*, 39, pp. 36-41.

Magalhães, B. M. S., 2011. *Centro Pastoral de São Tiago (Évora de Alcobaça): Sondagens arqueológicas: Relatório preliminar arqueológico*. Torres Novas: Crivarque. Policopiado.

- Magalhães, B. M. S., 2014a. *Empreitada de reabilitação da Igreja Matriz de Arcos de Valdevez: Relatório final antropológico*. Vila Nova de Gaia: Arqueo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda. Policopiado.
- Magalhães, B. M. S., 2014b. *Intervenção arqueológica na Igreja Matriz de Barcelos: Relatório final antropológico*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. Policopiado.
- Nisa, J., Falcão, T. e Magalhães, B. M., 2014. *Sondagens arqueológicas na Igreja de S. Miguel, Freixo de Espada à Cinta: Relatório final arqueológico*. Alter do Chão: Arqueo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda. Policopiado.
- Nisa, J., Falcão, T. e Magalhães, B. M., 2016. A igreja de S. Miguel (Freixo de Espada à Cinta): crónica de uma intervenção. *Revista CEPIHS*, 6, pp. 443-465.
- Nogueira, S. e Magalhães, B., 2015. *Empreitada de Reabilitação da Igreja Matriz de Arcos de Valdevez: Relatório final arqueológico*. Vila Nova de Gaia: Arqueo'Estudos, Investigação Arqueológica, Lda. Policopiado.
- Pearson, M. P., 1999. *The Archaeology of Death and Burial*. Texas: Texas A&M University Press.
- Pintado, F., 1991. *A Igreja Matriz de Freixo de Espada À Cinta – Notas para o seu estudo*. Freixo de Espada à Cinta: Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta.
- Queiroz, J. F. F., 2002. *Os cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal: consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutoramento. Universidade do Porto.
- Rebay-Salisbury, K., 2012. Inhumation and cremation: how burial practices are linked to beliefs. In: Marie Louise Stig Sørensen e Katharina Rebay-Salisbury, eds., 2012. *Embodied Knowledge: Historical Perspectives on Technology and Belief*. Oxford: Oxbow Books. pp. 15–26.
- Rodrigues, Z. M., 2005. *Enigmas medievais da morte em Ribeira de Santarém: análise paleoantropológica de uma amostra de 20 esqueletos exumados da Necrópole Medieval da rua dos Barcos em Ribeira de Santarém*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.
- Roque, J. L., 1982. *Atitudes perante a morte na região de Coimbra de meados do século XVIII a meados do século XIX: notas para uma investigação*. Coimbra: J. L. Roque.
- RTP, 2019. *90 Segundos de Ciência*. [em linha] Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p29336/e418002/90-segundos-ciencia?fbclid=IwAR3MxXFP5boRuN0_1yjKxzAHaWdoWbkfffaFurulOLggk9HidjXGYXLYBmA> [Consult. 12 de agosto de 2019].
- Scheuer, L. e Black, S., 2000. *Developmental juvenile osteology*. San Diego: Academic Press.
- Silva, A. M., 1995. Sex assessments using the calcaneus and talus. *Antropologia Portuguesa*, 13, pp. 107-119.
- Silva, A. M. G., 1993. *Os restos humanos da gruta artificial de São Pedro do Estoril II: Estudo antropológico*. Relatório de Investigação. Universidade de Coimbra.
- Tsaliki, A., 2008. Unusual burials and necrophobia: an insight into the burial archaeology of fear. In: Eileen M. Murphy, ed., 2008. *Deviant Burial in the Archaeological Record*. Oxford: Oxbow Books. pp. 1-16.
- Waldron, T., 1994. *Counting the dead: the epidemiology of skeletal populations*. Chichester: John Wiley & Sons.
- Wasterlain, R. S. C. N., 2000. *Morphé: análise das proporções entre os membros, dimorfismo sexual e estatura de uma amostra da colecção de esqueletos identificados do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra.